

Trecho da entrevista concedida para o livro **Indústria Mecânica do Estado de Minas Gerais –Memória Histórica**. Belo Horizonte, SINDIMEC-FIEMG, 2007. Pereira, Lúcia Maria & Faria, Maria Auxiliadora de.

HAMLETO, VANDA E MARIA HELENA MAGNAVACCA, netos de Enéa José Magnavacca, fundador da Fundação Moderna, instalada em Belo Horizonte em 1908, e filhos de Hamleto, que fundou, nos anos 1930, a Metalúrgica Magnavacca S.A.

Nosso avô era italiano, nascido em Bolonha. Chegou no Rio de Janeiro e foi direto para Juiz de Fora, porque lá era o polo industrial da época. Depois, passou por São João Del Rei, onde, em 1898, nasceu papai [Hamleto] e, em Sete Lagoas, onde nasceu Vitório, seu irmão. O outro irmão, Arcângelo, era mais velho que meu pai. Em Sete Lagoas, ele trabalhou com rotatórias, eles chamavam de rotunda. É uma rotatória de vagões de estrada de ferro. Para evitar um círculo muito grande, quando o vagão chegava se fazia uma mudança de sentido, o retorno, principalmente, da locomotiva.

Algum tempo depois, não se sabe bem quando, Enéa transferiu-se para Belo Horizonte. O certo é que, em 1908, instalou, à rua Rio Grande do Sul, 214, a Fundação Moderna. Por volta de 1910, ele construiu um pontilhão na altura das ruas Rio Grande do Sul, Carijós e Tamoios, para facilitar o acesso ao ramal ferroviário, que ficava do outro lado do ribeirão Arrudas, aonde chegavam a matéria-prima de sua produção e outras mercadorias.

A Fundação Moderna era realmente uma fundição, tinha um alto-forno, fazendo ferro gusa e fundição de peças, além da indústria mecânica. Fazia moendas de cana, britadores, arados, vagonetas, inclusive para a rede ferroviária e vagonetas para mineração. A parte de serralheria também foi muito importante. Era uma empresa grande, ocupava quase um quarteirão.

Nos anos de 1920, Enéa José se associou aos filhos, Hamleto e Arcangelo, e o empreendimento passou a se chamar Fundação Moderna – Magnavacca & Filhos. A Magnavacca deixou muitos trabalhos na cidade. Até hoje, ainda se vê nas ruas da cidade peças para boca de lobo, tampas de esgoto, caixas de hidrômetros, principalmente na Savassi e no bairro de Lourdes, com o nome da Magnavacca & Filhos.

Aquela porta do antigo Banco Crédito Real, na rua Carijós com Espírito Santo, foi ele quem fez. Tem também aquela grade muito bonita na Rua Timbiras quase com Bahia, onde hoje é a Una, que também era dele. Ele fez muitos trabalhos desse tipo. Outra linha que também vendia muito na Magnavacca era fogão à lenha, com serpentina para aquecimento de água.

Tinha essa linha de fabricação dos equipamentos agrícolas, arados, algum tipo de trator, caçamba, carrinhos de mão, esses vagonetes, moendas para cana, engenhos, e uma linha mais pesada de britadores para quebrar pedras. E tinha um trabalho sob encomenda, onde entra essa parte de serralheria. Cada trabalho era diferente do outro.

Por volta de 1930, a Fundição Moderna foi vendida para a Belgo-Mineira que, à época, era dirigida por Louis Enschedé. Quando houve a Revolução [de 1930], a Fundição Moderna faliu. Eles tiveram que parar, pois ficavam no quartel acertando o alto-forno. Ninguém podia ficar trabalhando, e alto-forno quando para é um desastre. Depois, pediram um empréstimo para reconstruir a firma, mas foi negado. Então, resolveram fechar. O Dr. Enschedé, então, assumiu a indústria, e papai foi convidado a trabalhar com ele em Sabará, dirigindo a fundição da Belgo-Mineira. Até que Dr. Enschedé falou: “Você volta para Belo Horizonte e vai tocar a indústria lá. Quero que você reative a indústria”. Então, ele voltou para atuar na própria indústria, mas já sob o controle da Belgo.

Nosso pai trabalhou nessas condições por aproximadamente dois anos e, nesse período, adquiriu um terreno na avenida do Contorno. Até que um fato veio mudar novamente o curso de sua trajetória: o industrial Euvaldo Lodi comprou a indústria. Então, o Dr. Enschedé falou: “Eu vendi a indústria para o Lodi, você quer continuar trabalhando com ele?” Ele falou: “Não, eu vou começar com a minha indústria, vou começar do zero.” Dr. Enschedé disse: “Eu vou te ajudar, toda a encomenda que a sua indústria puder fazer, a Belgo-Mineira vai mandar fazer preferencialmente”. Ele teve essa ajuda muito grande do Louis Enschedé, porque eles eram muito amigos. Aquela área toda onde era a Fundição Moderna ficou com o Euvaldo Lodi, que acabou com a indústria e montou uma serralheria.

Depois que Euvaldo Lodi assumiu a empresa, antes pertencente à família Magnavacca, Hamleto decidiu começar tudo de novo. Em 1936, montou uma indústria mecânica na avenida do Contorno, na altura do bairro do Carlos Prates. Inicialmente, como firma individual, e, algum tempo depois, incluiu os 9 filhos no negócio e a transformou em sociedade anônima com o nome de Metalúrgica Magnavacca S.A.

Nosso pai fazia questão de congregar a todos na empresa, que começou com serviços de fundição, mas logo depois acrescentou serviços de mecânica, caldeira, usinagem, além de uma fábrica de pregos. Conscientes da importância do associativismo, os irmãos de Hamleto, Nelson Vicente e Carlos Magnavacca, representaram a família na militância junto ao Sindmec e chegaram a pertencer à sua Diretoria. Vanda Magnavacca, e seus irmãos dirigiram a empresa depois de seu falecimento, em 1969. A empresa permaneceu em atividades até 1996. Quando comecei a trabalhar com meu pai, tinha 17 ou 18 anos. Eu havia dito a ele que queria trabalhar fora, e para evitar isso ele permitiu que eu trabalhasse na empresa da família. Antes, ele não havia permitido que eu fizesse o curso ginasial porque os colégios eram mistos – rapazes e moças – então, fui estudar no Colégio Imaculada Conceição para ser professora. Eu detestava, mas depois que me formei ainda fiz mais dois anos de aperfeiçoamento no Instituto de Educação. Terminado o curso, voltei a insistir: queria trabalhar. Papai disse-me: “Já que insiste, vai trabalhar comigo”. Trabalhei na empresa até me aposentar. No início, ele me entregou a parte contábil. Tive que aprender tudo sozinha. Virei autodidata em contabilidade, mesmo porque meu pai era super exigente. Até o dia 10, tinha que ter o balancete do mês anterior com toda a escrita pronta. Depois, passei a dirigir a firma com meus irmãos. Infelizmente, depois de algum tempo, veio a desapropriação e a Metalúrgica Magnavacca teve de encerrar suas atividades para ceder espaço à linha do metrô. Meu irmão Carlos mexia com um depósito e resolvemos montar uma loja na rua Araguari, mas o metrô nos atrapalhou. A indenização não dava nem para fazer o carreto, e como a discussão judicial demorou muito, ficamos sem alternativa. De qualquer modo, foi uma história bonita. A empresa funcionou de 1936 a 1996: 60 anos. Se considerar o tempo da Fundição Moderna de meu avô, a história se estende para 75 anos. Tivemos também, nas décadas de 1950 e 1960, a fábrica São Nicolau, em Juiz de Fora, que fabricava pregos, e quem a dirigia era nosso irmão mais velho, Carlos. Ele, inclusive, foi diretor do Centro das Indústrias de Juiz de Fora.

Foi muito difícil, mas nosso pai sempre foi muito amigo dos operários. Eles lutavam por aquilo como se a empresa fosse deles. Fazíamos reuniões para tomar decisões sobre tudo. Eu era a que menos entendia da parte técnica, mas as decisões eram tomadas em conjunto. Do lado dos empregados acontecia a mesma coisa: os cargos passavam de pai para filho. O pai era funcionário, depois vinha o filho, a maioria tinha crescido lá dentro. Era uma grande família. Esta era a filosofia da Magnavacca: formar mão de

obra, formar amigos, formar colaboradores e foi a maior lição que papai nos ensinou. A pior época foi a da dispensa dos empregados, porque não tínhamos dinheiro. Fizemos um planejamento e fomos indenizando um a um. Aquele muro do Elevado Castelo Branco quem fez foi papai, no fundo da indústria. Mas eles aterraram a parte de cima durante a construção e, quando veio a primeira chuva, o rio Arrudas encheu e alagou o escritório da firma. O barranco do Elevado caiu e soterrou parte da indústria, onde estava toda nossa matéria prima.

Na Itália, nosso avô trabalhava, basicamente, com sinos. Eles eram autodidatas, porque não tinham nenhuma instrução. Papai fez curso de desenho e contabilidade. Eles tinham que ir formando o pessoal porque não havia escolas profissionalizantes. As indústrias viraram escolas. Mais de 90% das máquinas da empresa foram fabricadas, fundidas, usinadas, construídas por eles. Não sei onde arrumaram os desenhos, mas foi tudo construído lá. Essa tecnologia, eles buscaram fora, por meio de catálogos.

De modo geral os italianos e seus descendentes só se dedicavam ao trabalho. Papai nunca tirou um dia de férias. Mas não deixou de participar da primeira reunião para fundar o Clube Palestra Itália, que hoje é o Cruzeiro. Ele juntou os italianos e fundaram um timinho, um pequeno clube que mais tarde se transformou no Cruzeiro. Nossa família sempre teve boas relações com a sociedade mineira e até mesmo com autoridades.

Por exemplo, quando Juscelino Kubitschek era Prefeito de Belo Horizonte ia sempre à empresa. Lembro-me que ele me pegava ao colo e sempre me levava balas e me chamava de “minha ruiva”. Apesar de ter muitos amigos políticos, papai não se envolvia com política partidária e não influenciava seus empregados na época de eleições. Lembro-me também de um empregado nosso que queria estudar enfermagem, mas não podia por falta de dinheiro. Então, papai combinou com ele um horário especial de tal forma que pudesse estudar e trabalhar, e o ajudava financeiramente para custear o curso. O rapaz formou-se em enfermagem e tornou-se tão amigo da família que foi ele quem, no final, cuidou de papai.

Para aprofundar e saber mais:

FUNDIÇÃO E SERRALHERIA ARTÍSTICA DO IMIGRANTE ITALIANO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DE BELO HORIZONTE. Rodrigues, E. R.

In: BRAGA, M. C., ALMEIDA, M. G., and DIAS, M. R. Á, C., eds. Histórias do Design em Minas Gerais II [online]. Belo Horizonte, 2022, pp. 455-486.

<https://books.scielo.org/id/cqjiv/pdf/braga-9786586832402-17.pdf>

IMIGRAÇÃO ITALIANA E DESENVOLVIMENTO EM MINAS GERAIS Lígia
Maria Leite Pereira

https://ponteentreculturas.com.br/revista/imigracao_desenvolvimento.pdf